



Programa de Pós-Graduação
em Formação de Professores
e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI)
UPE - Campus Petrolina

Galtame Gabriela Targino de Assis
Universidade de Pernambuco (UPE)

galtame.gtassi@upe.br

 [0000-0003-3192-4612](https://doi.org/10.0000-0003-3192-4612)

Aline Araújo Mascarenhas
Universidade de Pernambuco (UPE)

aline.amascarenhas@upe.br

 [0000-0002-7546-6425](https://doi.org/10.0000-0002-7546-6425)

Tarcísio Fulgêncio Alves da Silva
Universidade de Pernambuco (UPE)

tarcisio.silva@upe.br

 [0000-0001-5982-9954](https://doi.org/10.0000-0001-5982-9954)

Submetido: 13/10/2025

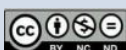
Aceito: 15/11/2025

Publicado: 30/12/2025

Volume 2 - Número 1 (2025)

ISSN: 2965-8624

DOI: 10.70678/riedsa



EDUCAÇÃO DE SURDOS COMO PRÁXIS TRANSFORMADORA: RELATO DE UMA TRAJETÓRIA DOCENTE BILÍNGUE E INTERDISCIPLINAR

RESUMO: Este relato de experiência tem como objetivo apresentar a trajetória formativa e profissional de uma docente atuante na educação bilíngue de surdos, enfatizando a interdisciplinaridade e a acessibilidade linguística. A metodologia adotada é qualitativa, descritiva e autobiográfica, baseada em vivências acumuladas ao longo de doze anos na educação básica, no ensino superior e na formação docente. O percurso integra formações acadêmicas diversas (Pedagogia, Letras Libras, Computação, especializações, mestrado e doutorado) com práticas pedagógicas junto a estudantes surdos e ouvintes. Destacam-se estratégias bilíngues, uso de tecnologias acessíveis e mediação didática centrada na valorização da Libras como primeira língua. As considerações finais indicam que práticas interdisciplinares, alicerçadas no diálogo e na escuta sensível, potencializam a construção de uma educação mais inclusiva, equitativa e transformadora.

Palavras-chave: acessibilidade, bilinguismo, educação inclusiva, formação docente, interdisciplinaridade.

DEAF EDUCATION AS A TRANSFORMATIVE PRAXIS: AN ACCOUNT OF A BILINGUAL AND INTERDISCIPLINARY TEACHING CAREER

ABSTRACT: The aim of this experience report is to present the educational and professional trajectory of a teacher working in bilingual education for the deaf, emphasizing interdisciplinarity and linguistic accessibility. The methodology adopted is qualitative, descriptive and autobiographical, based on experiences accumulated over twelve years in basic education, higher education and teacher training. The path integrates diverse academic backgrounds (Pedagogy, Libras, Computing, specializations, masters and doctorate) with pedagogical practices with deaf and hearing students. Bilingual strategies, the use of accessible technologies and didactic mediation centered on valuing Libras as a first language stand out. The final considerations indicate that interdisciplinary practices, based on dialog and sensitive listening, enhance the construction of a more inclusive, equitable and transformative education.

Keywords: accessibility, bilingualism, inclusive education, teacher training, interdisciplinarity.

LA EDUCACIÓN DE LAS PERSONAS SORDAS COMO PRÁCTICA TRANSFORMADORA: RELATO DE UNA TRAYECTORIA DOCENTE BILINGÜE E INTERDISCIPLINAR

RESUMEN: Este relato de experiencia tiene como objetivo presentar la trayectoria formativa y profesional de una docente que trabaja en la educación bilingüe de personas sordas, haciendo hincapié en la interdisciplinariedad y la accesibilidad lingüística. La metodología adoptada es cualitativa, descriptiva y autobiográfica, basada en experiencias acumuladas a lo largo de doce años en la educación básica, la enseñanza superior y la formación docente. La trayectoria integra diversas formaciones académicas (Pedagogía, Letras Libras, Informática, especializaciones, maestría y doctorado) con prácticas pedagógicas junto a estudiantes sordos y oyentes. Destacan las estrategias bilingües, el uso de tecnologías accesibles y la mediación didáctica centrada en la valoración de Libras como primera lengua. Las consideraciones finales indican que las prácticas interdisciplinarias, basadas en el diálogo y la escucha sensible, potencian la construcción de una educación más inclusiva, equitativa y transformadora.

Palabras clave: accesibilidad, bilingüismo, educación inclusiva, formación docente, interdisciplinariedad.



INTRODUÇÃO

A constituição da identidade docente não se reduz à formação inicial ou à aquisição de competências técnicas; ela é um processo contínuo, situado historicamente e atravessado por múltiplas dimensões da experiência humana pessoais, sociais, afetivas, culturais e institucionais (Tardif, 2002; Nóvoa, 2009). É nesse entrecruzar de trajetórias, memórias e práticas que se forja o ser-professor, numa construção dinâmica em constante (re)significação.

Minha trajetória como educadora iniciou-se formalmente em 2014, quando, recém-mãe, fui convocada para assumir uma vaga de professora na Educação Infantil na cidade de Juazeiro–BA, após aprovação em concurso público. Esse momento, profundamente marcado por afetos, desafios e superações, coincidiu com o nascimento da minha filha, exigindo de mim um reposicionamento emocional e profissional. Desde então, compreendi que a docência é, antes de tudo, um exercício de presença, escuta e disponibilidade ética, uma escolha que nos convoca integralmente enquanto sujeitos históricos.

Embora a experiência inicial tenha ocorrido na Educação Infantil, minha trajetória pessoal já era atravessada, desde a infância, pelo desejo de atuar com a comunidade surda. Esse desejo foi despertado na Escola Estadual José Bonifácio, em Belo Horizonte–MG, instituição bilíngue onde tive meu primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e com a cultura surda. Ainda sem compreender, à época, a complexidade sociolinguística que envolve a surdez, fui profundamente marcada pela força expressiva dessa língua visual e pela resistência cotidiana daqueles sujeitos. Anos mais tarde, esses afetos se transformariam em compromisso ético e político com a inclusão e a justiça linguística.

A formação acadêmica acompanhou esse percurso afetivo e político. A graduação em Pedagogia foi a primeira incursão teórica no campo da educação, proporcionando o contato com autores que valorizam a escuta, a cultura e a dialogicidade no processo educativo (Freire, 1996; Candau, 2012). Posteriormente, a licenciatura em Computação ampliou este repertório e revelou a importância da tecnologia como ferramenta de mediação para a aprendizagem e, sobretudo, como estratégia de acessibilidade. As especializações em Libras e em Educação



Especial e Inclusiva consolidaram o projeto de vida profissional, fornecendo arcabouço teórico-metodológico para compreender a surdez como diferença cultural e não como deficiência, em sintonia com autores como Skliar (1998) e Strobel (2008).

Essa trajetória formativa, construída a partir de um movimento permanente de escuta e de reconstrução de saberes, foi se consolidando também a partir de experiências institucionais em múltiplos contextos da educação básica ao ensino superior, da sala de aula à pesquisa acadêmica, da formação continuada ao ativismo social. No magistério estadual em Pernambuco, atuando diretamente com estudantes surdos no Atendimento Educacional Especializado (AEE), vivenciando os desafios concretos da educação bilíngue na escola pública. Em paralelo, lecionando Libras no ensino superior e em cursos de extensão, contribuindo para a formação de futuros profissionais da saúde e de outros campos, sempre articulando práticas interdisciplinares.

Como destaca Boaventura de Sousa Santos (2010), é pela ecologia dos saberes que se rompe com a monocultura acadêmica e se reconhece a legitimidade de outros modos de conhecer. Ao longo da minha atuação, fui compreendendo que a construção de uma prática docente significativa exige o trânsito entre diferentes campos do conhecimento educação, saúde, tecnologia, linguística, direitos humanos e a abertura a experiências que escapam às lógicas disciplinares tradicionais. Essa postura interdisciplinar, inspirada também por Fazenda (2011) e Morin (2002), sustenta o modo como concebo a docência: como uma práxis comprometida com a escuta, a transformação e a produção coletiva de sentido.

Este relato de experiência, portanto, tem como objetivo compartilhar os caminhos trilhados nessa construção identitária e pedagógica, ancorando-se em fundamentos teóricos sólidos e em práticas vivenciadas no contexto da educação de surdos. Ao fazer isso, busco reafirmar o compromisso com uma docência que compreenda a diferença não como obstáculo, mas como potência; que reconheça na Libras não apenas um instrumento de comunicação, mas uma linguagem de pertencimento e cidadania, que valorize a interdisciplinaridade como princípio formativo e político.



APRESENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Minha atuação profissional na área da educação de surdos e da acessibilidade linguística é fruto de um entrelaçamento entre vivências concretas, formações acadêmicas e escolhas políticas que atravessam quase doze anos de docência. Desde 2016, venho desenvolvendo práticas pedagógicas com foco na inclusão e na valorização da Libras, atuando em diferentes níveis de ensino, do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na educação básica à docência no ensino superior, especialmente em cursos da área da saúde.

Ao iniciar minha trajetória no AEE, fui confrontada com a dura realidade da ausência de preparo institucional para uma educação verdadeiramente bilíngue. A falta de materiais acessíveis, a escassez de formação continuada para professores e a fragilidade das políticas públicas voltadas à comunidade surda evidenciaram que a inclusão, muitas vezes, ainda se faz apenas no plano do discurso. Esse cenário, no entanto, não me paralisou. Pelo contrário: impulsionou uma atuação comprometida, ética e propositiva, baseada em uma prática sensível acerca das necessidades dos estudantes surdos e em uma mediação pedagógica pautada na valorização da diferença (Skliar, 1998).

A experiência com o AEE foi, sem dúvida, fundamental na construção de minha identidade docente. Ali, aprendi que cada estudante surdo carrega uma trajetória singular, atravessada por múltiplas barreiras sociais, comunicacionais e afetivas. Aprendi que ensinar Libras a ouvintes não é apenas ensinar uma língua, mas também abrir mundos, quebrar estigmas e reposicionar os sujeitos frente à diversidade. E compreendi, com profundidade, que a educação de surdos exige do educador um compromisso radical com a equidade, como aponta Candau (2012), para quem uma pedagogia intercultural requer o reconhecimento das diferenças como constitutivas da formação humana.

Paralelamente à atuação na educação básica, ingressei como professora de Libras em uma instituição de ensino superior em Petrolina (PE), ministrando disciplinas voltadas a estudantes de Enfermagem, Farmácia, Psicologia, Odontologia e Estética. A presença da Libras nesses cursos foi planejada como eixo transversal para discutir não somente as barreiras comunicacionais, mas também as desigualdades no acesso aos serviços de saúde pela



população surda. As aulas foram estruturadas com metodologias ativas, estudos de caso, rodas de conversa e oficinas práticas com o uso de glossários visuais, vídeos legendados e intérpretes sempre ancoradas em uma pedagogia dialógica, crítica e situada (Freire, 1996; Santomé, 2013).

Outro eixo fundamental da minha prática tem sido a atuação em cursos de extensão promovidos em parceria com o Centro de Apoio ao Surdo (CAS) e o Governo do Estado. Nesses espaços, ministrei oficinas abertas à comunidade, visando democratizar o acesso à Libras e fomentar atitudes inclusivas em ambientes diversos, do comércio local ao transporte público, da igreja ao hospital. Nessas vivências, vi a Libras se tornar ponte entre pessoas, ferramenta de aproximação e linguagem de resistência.

A interdisciplinaridade, neste percurso, não se configurou como mera junção de conteúdos, mas como uma prática formativa, afetiva e política. Conforme defendem Morin (2002) e Fazenda (2011), é na articulação entre diferentes campos do saber, saúde, educação, linguística, tecnologia que se criam novas possibilidades de intervenção na realidade. Ao propor projetos interdisciplinares com foco na inclusão da pessoa surda, pude construir uma docência que rompe com a fragmentação do conhecimento e que se posiciona politicamente frente às injustiças estruturais e sociais.

Um episódio emblemático que atravessou minha trajetória e aprofundou ainda mais esse compromisso foi a morte de um amigo surdo, vítima de negligência hospitalar. Após ser atropelado, permaneceu desaparecido por quatro dias, sendo posteriormente localizado em uma UPA, sem comunicação com a equipe de saúde por ausência de intérprete ou mediação linguística adequada. A falta de acessibilidade comprometeu todo o processo de diagnóstico e tratamento, culminando em sua morte cerebral. Esse acontecimento, para além de doloroso, foi também um ponto de inflexão: fez emergir com força a urgência de formação dos profissionais de saúde para o atendimento digno e acessível à população surda, conforme determina a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006).

Dessa vivência nasceu minha pesquisa de mestrado em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), onde desenvolvi ações formativas



com profissionais da saúde, visando ampliar sua competência comunicacional e sensibilizá-los para o atendimento humanizado da população surda. Essa investigação reforçou minha crença na potência transformadora da educação, sobretudo quando ela articula teoria, prática e escuta dos sujeitos historicamente silenciados.

Hoje, minha atuação no doutorado em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco (UPE), dá continuidade a essa trajetória. Com foco na interseção entre Libras, tecnologia e inclusão, busco desenvolver recursos digitais acessíveis e metodologias pedagógicas inovadoras que ampliem a presença da cultura surda nos espaços escolares e formativos.

DISCUSSÃO

O percurso construído ao longo dos últimos anos, especialmente no campo da educação de surdos, tem reafirmado, de maneira contundente, a necessidade de compreendermos a docência como um espaço de tensão, mediação e reconstrução constante de saberes. Em especial, atuar com surdos, exige repensar a própria concepção de ensino-aprendizagem, deslocando-se da lógica tradicional, centrada na oralidade e na homogeneização, para uma prática pedagógica que reconheça a visualidade, o bilinguismo e as múltiplas formas de produção de sentido como constitutivas do processo educativo (Skliar, 1998; Strobel, 2008).

Esse reposicionamento pedagógico se alinha à compreensão de que a surdez não deve ser tratada como uma deficiência a ser compensada, mas como uma diferença linguística, cultural e epistemológica que carrega consigo modos próprios de existir, resistir e significar o mundo. Como aponta Strobel (2008), a cultura surda é marcada por valores, normas, narrativas e linguagens visuais que estruturam a identidade dos sujeitos e organizam suas experiências educativas. É nesse sentido que a atuação docente precisa transitar para além da transmissão de conteúdos e assumir um caráter político, no qual ensinar Libras ou mediar processos educativos com estudantes surdos significa, também, legitimar seus saberes, suas falas e sua pertença histórica.



Tais compreensões foram sendo elaboradas à luz das experiências concretas no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e no ensino superior. A atuação com estudantes surdos da rede estadual evidenciou o quão precária ainda é a estrutura das escolas públicas para o atendimento bilíngue. A ausência de materiais didáticos adaptados, a escassez de formação continuada para professores e a invisibilização da perspectiva surda nos projetos pedagógicos são apenas algumas das barreiras enfrentadas. Contudo, esses obstáculos não me paralisaram; ao contrário, impulsionaram o desenvolvimento de estratégias metodológicas criativas e intencionalmente inclusivas.

Nesse processo, organizei as práticas pedagógicas a partir da especificidade de cada contexto educacional, como ilustrado na Tabela 1, elaborada com base na experiência acumulada.

Tabela 1 – Metodologias aplicadas no AEE e no ensino superior

Nível de ensino	Metodologias utilizadas	Recursos didáticos
Educação Básica (AEE)	Atividades visuais, jogos bilíngues, contação de histórias	Material adaptado, vídeos sinalizados
Ensino Superior	Rodas de conversa, oficinas práticas, estudos de caso	Glossários visuais, vídeos com intérprete

Fonte: Elaboração da autora (2025).

No ensino superior, onde lecionei para estudantes das áreas da saúde, as lacunas eram outras, mas igualmente urgentes. Muitos estudantes nunca haviam tido contato com a Libras ou com a cultura surda. Alguns apresentavam resistências iniciais, revelando barreiras atitudinais enraizadas em visões capacitistas. A abordagem pedagógica, então, precisou integrar sensibilização e formação técnica, articulando-se em torno de práticas que envolvessem escuta ativa, protagonismo dos estudantes e reflexão crítica. O uso de metodologias participativas, como rodas de conversa e simulações de atendimento a pessoas surdas, mostrou-se potente para desconstruir estigmas e construir pontes de compreensão.

Essas experiências foram sistematizadas durante a pesquisa de mestrado desenvolvida na UNIVASF, cujo foco esteve na análise das representações e práticas de profissionais da saúde diante da população surda. A investigação revelou não apenas a ausência de formação



específica, mas também uma profunda carência de políticas institucionais voltadas à acessibilidade comunicacional. A partir dessas constatações, propus intervenções formativas concretas, que articulavam oficinas de Libras, análise de discursos, estudos de caso e rodas de conversa, conforme sintetizado na Tabela 2:

Tabela 2 – Desafios e encaminhamentos identificados na formação de profissionais de saúde

Desafios identificados	Encaminhamentos pedagógicos propostos
Ausência de formação em Libras	Oficinas básicas de Libras e glossários visuais
Desconhecimento sobre a cultura surda	Palestras e rodas de conversa com surdos
Falta de protocolos de atendimento acessível	Simulações de atendimento com mediação linguística
Barreiras atitudinais e preconceito	Discussão de casos reais e análise crítica de discursos

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados da pesquisa de mestrado (2022).

Esses dados reforçam a tese de que a educação inclusiva, especialmente quando se refere à população surda, não pode ser pensada de maneira isolada ou técnica. É preciso compreender, como defende Morin (2002), que o conhecimento se constrói na complexidade das relações humanas, exigindo que a formação de estudantes, professores e profissionais seja também uma formação ética, sensível e situada.

A interdisciplinaridade, nesse cenário, atua como princípio norteador e não apenas como técnica pedagógica. Inspirada na concepção de Ivani Fazenda (2011), compreendo a interdisciplinaridade como uma prática que rompe com os limites rígidos entre os campos de saber, promovendo uma ecologia de conhecimentos (Santos; Meneses, 2010) na qual a Libras não é tratada como apêndice, mas como eixo de articulação entre cultura, língua, saúde e direitos humanos. Essa prática se materializou na elaboração de projetos formativos intersetoriais, em que participei como proponente e facilitadora, envolvendo docentes de diferentes áreas, estudantes de graduação e membros da comunidade surda.

A visualidade, como categoria epistemológica, também passou a ocupar um lugar central nas minhas reflexões. Como defende Harlan Lane (1992), a cultura surda é visual em sua essência, e esse dado precisa ser compreendido não como limitação, mas como potência.



Incorporar recursos visuais na prática pedagógica não é somente uma estratégia metodológica, mas uma forma de legitimar a linguagem como ferramenta de resistência e reconhecimento.

A prática docente que venho consolidando, portanto, é forjada por um entrecruzamento entre escuta, pesquisa, resistência e criação. Como afirma Paulo Freire (1996), “ensinar exige coragem para lutar por justiça”. Essa luta, no contexto da educação de surdos, exige o enfrentamento das lógicas integracionistas, a crítica às políticas de silenciamento e o compromisso com uma escola bilíngue e plural.

RESULTADOS

A prática docente construída ao longo de quase doze anos, com dedicação integral à educação de surdos desde 2016, evidenciou resultados significativos não apenas nos processos de aprendizagem dos estudantes, mas também na transformação dos espaços institucionais nos quais atuei. Esses resultados não se restringem à dimensão técnica, mas se estendem à formação ética, à ampliação do repertório didático, à ressignificação do papel da cultura surda nas escolas e universidades, e à consolidação de uma identidade docente comprometida com a justiça linguística e a equidade educacional.

Na educação básica, particularmente no âmbito do Atendimento Educacional Especializado (AEE), os impactos mais expressivos puderam ser observados na melhoria do desempenho dos estudantes surdos em disciplinas de base, na ampliação da participação em atividades escolares e na mudança de postura de colegas e professores diante da presença desses estudantes no espaço escolar. A implementação de metodologias visuais, jogos bilíngues, narrativas sinalizadas e o uso sistemático da Libras como língua de instrução e mediação possibilitaram avanços concretos na aquisição de novos conhecimentos e na consolidação da identidade surda dos discentes.

Ao adotar estratégias pedagógicas fundamentadas na cultura visual e na valorização da Libras como primeira língua, foi possível romper com práticas assimilacionistas ainda muito presentes nas escolas. Isso repercutiu, por exemplo, na elaboração de materiais didáticos adaptados, na formação de professores ouvintes sobre o uso de recursos visuais e na criação



de espaços de escuta das famílias surdas. Esses resultados, embora muitas vezes não quantificáveis por métricas tradicionais, foram observados nas narrativas dos próprios estudantes, nas avaliações institucionais e, sobretudo, nos vínculos construídos ao longo do processo. Como destaca Candau (2012), o reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da educação promove deslocamentos epistemológicos que reverberam nas práticas cotidianas e na organização curricular das escolas.

No ensino superior, a atuação junto a estudantes dos cursos de Enfermagem, Psicologia, Odontologia, Farmácia e Estética revelou uma importante lacuna formativa: a ausência quase total de conteúdos sobre Libras e sobre a cultura surda na formação inicial de profissionais da saúde. Ao longo do semestre letivo, as disciplinas ministradas foram responsáveis por ampliar a consciência crítica dos discentes quanto aos direitos linguísticos da população surda e pela introdução de práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas. Diversos estudantes relataram, por meio de avaliações qualitativas e rodas de conversa, que nunca haviam sido provocados a refletir sobre o impacto da ausência de intérpretes, da falta de mediação comunicativa e da exclusão simbólica vivida por pacientes surdos no contexto hospitalar.

Esses relatos demonstraram que a presença da Libras no currículo teve um efeito transformador, não apenas pela linguagem em si, mas pela pedagogia da escuta e do reconhecimento que ela mobiliza. Muitos estudantes passaram a se engajar em cursos extracurriculares de Libras, solicitaram materiais complementares, compartilharam experiências com familiares surdos e, em alguns casos, participaram da organização de ações de extensão voltadas à inclusão. A repercussão positiva também atingiu os docentes dessas graduações, que passaram a solicitar apoio para a elaboração de conteúdos acessíveis, evidenciando uma mudança no ethos institucional.

No âmbito da pesquisa, os resultados da investigação de mestrado consolidaram-se em três frentes: diagnóstico, intervenção e produção de conhecimento. O diagnóstico revelou a fragilidade da formação dos profissionais de saúde no que tange à comunicação com a população surda, confirmando as hipóteses iniciais. A intervenção, composta por oficinas, rodas de conversa, glossários visuais e simulações de atendimento, possibilitou uma



experiência formativa inovadora, baseada em metodologias críticas e participativas. Por fim, a produção de conhecimento resultou em artigos científicos, apresentações em eventos e em um plano de formação continuada voltado às equipes multiprofissionais das unidades básicas de saúde da região.

O impacto desse trabalho foi reconhecido por profissionais e gestores, que passaram a incorporar o debate sobre acessibilidade comunicacional em seus encontros de planejamento e sugeriram a continuidade das formações. O caso do amigo surdo, cujo falecimento motivou o início da pesquisa, transformou-se em um exemplo paradigmático que sensibilizou não apenas os participantes da pesquisa, mas também lideranças comunitárias e acadêmicas, que passaram a compreender a gravidade da violação dos direitos linguísticos como um problema de saúde pública.

Para além das instituições, os resultados mais potentes desse percurso se materializaram em mim mesma, na forma como fui me compreendendo como educadora, pesquisadora e militante. A escuta sensível, a interdisciplinaridade e o compromisso com a equidade tornaram-se princípios norteadores da minha atuação, consolidando um modo de fazer docência que articula afetividade, rigor teórico-metodológico e engajamento político. Esse amadurecimento resultou na aprovação em um programa de doutorado que tem possibilitado a sistematização dessas experiências, a elaboração de novas propostas formativas com base em tecnologias digitais e o aprofundamento teórico das questões que atravessam a educação bilíngue.

Atualmente, desenvolvo uma pesquisa voltada ao desenvolvimento de uma plataforma gamificada para o ensino de Libras a professores da educação básica, utilizando recursos de inteligência artificial e realidade aumentada. Esse projeto é fruto direto das experiências e resultados aqui relatados, pois reúne os aprendizados acumulados ao longo da trajetória e os coloca a serviço da formação docente, com foco na acessibilidade, na inovação e na valorização da cultura surda.

Assim, os resultados da prática docente que venho construindo não se expressam apenas em números ou avaliações formais, mas nas transformações subjetivas, institucionais



e epistemológicas que têm sido geradas. Eles confirmam que uma educação verdadeiramente inclusiva, bilíngue e interdisciplinar é possível e mais do que isso: é necessária e urgente para que possamos avançar na construção de uma sociedade plural, democrática e anticapacitista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar minha trajetória docente, compreendo que cada passo, cada escolha e cada enfrentamento moldaram uma identidade profissional marcada pelo compromisso com a inclusão, a equidade linguística e a valorização da diferença como princípio formativo e político. O trabalho com a comunidade surda, iniciado de forma sistemática em 2016, revelou-se não apenas como campo de atuação, mas como território de pertencimento, de escuta e de transformação mútua.

Educar, nessa perspectiva, tornou-se mais do que um ofício: passou a ser uma militância cotidiana por justiça social. As experiências vividas no AEE, nos cursos de graduação, nas formações de profissionais da saúde e nas ações de extensão permitiram consolidar uma prática pedagógica que não dissocia o saber do sentir, a técnica da ética, a teoria da vida. Como afirma Paulo Freire (1996), “ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo”. E foi por meio do exemplo, dos encontros, dos afetos, das dores e das resistências, que fui me constituindo como educadora.

A morte de um amigo surdo, negligenciado por um sistema de saúde despreparado para reconhecer a Libras como direito humano, marcou indelevelmente minha trajetória. A partir dessa perda, entendi com ainda mais profundidade que a acessibilidade comunicacional não é um adereço institucional, mas uma urgência política e ética. Foi essa compreensão que me impulsionou a buscar, no mestrado e agora no doutorado, ferramentas teórico-metodológicas para contribuir de forma mais incisiva com a transformação das práticas educativas e dos serviços públicos.

Durante o percurso formativo, compreendi que a interdisciplinaridade não é uma escolha estética ou metodológica, mas uma exigência da realidade complexa que nos atravessa. Como defendem Morin (2002) e Fazenda (2011), o conhecimento precisa ser tecido em diálogo, em rede, em conflito produtivo entre saberes. Ao transitar entre campos como



educação, saúde, tecnologia, linguística e direitos humanos, fui reconhecendo a potência da educação como lugar de articulação epistemológica e de invenção de mundos possíveis.

Esse reconhecimento tem norteado meu projeto de doutorado, que propõe a construção de uma plataforma gamificada para o ensino de Libras voltada à formação docente. Essa proposta nasce do chão da prática, das inquietações vividas ao longo dos anos e das lacunas formativas identificadas em diferentes contextos educacionais. A ideia de unir tecnologia, cultura surda e metodologias ativas é, para mim, a materialização de uma educação comprometida com o presente e sintonizada com os desafios do futuro.

Contudo, se há um aprendizado que se sobrepõe aos demais, é o de que a docência, quando ancorada na escuta e na alteridade, tem o poder de produzir rupturas na vida dos estudantes, nos currículos, nas instituições e, sobretudo, em nós mesmos. A construção de uma prática bilíngue, interdisciplinar e situada exigiu coragem para romper com silêncios, persistência para enfrentar resistências institucionais e generosidade para acolher outras formas de dizer e de saber.

Sigo, portanto, com a convicção de que ensinar é, acima de tudo, uma forma de amar radicalmente o mundo com suas imperfeições, suas potências e sua diversidade. E que, ao ensinar Libras, ao defender os direitos da comunidade surda, ao construir metodologias acessíveis e ao sustentar a escuta como princípio pedagógico, não estou apenas formando profissionais: estou ajudando a desenhar um mundo em que ninguém precise “morrer” porque não foi compreendido.

Finalizo este relato com o desejo de que ele possa inspirar outras educadoras e educadores a reconhecerem, na própria trajetória, os sinais da transformação. E que, mesmo diante dos retrocessos e das violências estruturais, possamos seguir construindo pontes entre saberes, entre sujeitos e entre mundos com afeto, com coragem e com o compromisso inegociável com a dignidade de todas as existências.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 28-30, 23 dez. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 27 maio 2025.

BRASIL. **Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o atendimento educacional especializado. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 1, 18 set. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/decreto/d6571.htm. Acesso em: 27 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 23, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 27 maio 2025.

CANDAU, Vera Maria. Diversidade cultural e educação: desafios para a formação dos(as) professores(as). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 177-186, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/bfZ6yc8qZ8CZSYJvb6WvNFM/>. Acesso em: 27 maio 2025.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LANE, Harlan. **The mask of benevolence: disabling the deaf community.** New York: Alfred A. Knopf, 1992.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2002.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente.** Lisboa: Educa, 2009.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.** Nova York, 2006. Disponível em: <https://www.un.org/disabilities/documents/convention/convoptprot-e.pdf>. Acesso em: 27 maio 2025.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado.** Porto Alegre: Artmed, 2013.



SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do “ser surdo”**: a identidade surda em construção. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89653>. Acesso em: 27 maio 2025.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.